

A EVOLUÇÃO DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA PAULISTA NO PERÍODO 1946-1980: expansionismo agrário e características da estrutura de produção

Pedro Ramos¹

1 - INTRODUÇÃO

Como se sabe, um dos principais objetivos da intervenção estatal que marcou a história recente da agroindústria canavieira do Brasil foi a intenção de conter a expansão da produção paulista, que vinha ocorrendo em ritmo bastante acelerado desde o início do século XX, mas principalmente após a crise de 1929. O outro objetivo central era disciplinar as relações entre usineiros, fornecedores e trabalhadores da cana, destacando-se disso que o complexo deveria expandir-se com base numa separação de atividades: a agrícola, que deveria ficar por conta e risco dos plantadores independentes/fornecedores de cana; e o processamento fabril, cuja responsabilidade deveria ficar a cargo de outros empresários, tipicamente industriais. Pode-se afirmar que a expansão paulista no período após a II Guerra Mundial guarda relação com o fracasso desses dois objetivos.

O presente trabalho se propõe a fazer uma análise mais detida dos dados e informações sobre tal expansão, buscando identificar particularidades das relações entre a intervenção estatal e as características desse complexo agroindustrial em São Paulo. Nessa perspectiva, enfatiza-se aquela que é considerada a mais importante: o expansionismo agrário assentado nas terras de proprietários agropecuários que se incorporaram à produção canavieira/açucareira/alcooleira, ao mesmo tempo em que ele destaca outras características estruturais que ainda marcam tal complexo em São Paulo e no Brasil.

Destaca-se que a devida compreensão deste texto, tendo em conta a imposição de extensão que lhe cabe, pressupõe a leitura de dois

trabalhos: SZMRECSÁNYI (1979), que contém uma exposição minuciosa da legislação relacionada à intervenção no complexo canavieiro, desde a década de 1930 até 1975/76; e RAMOS (1999), que complementa a análise do sentido e dos resultados dessa intervenção.

2 - O PERÍODO 1946-1955: uma expansão fundiária “democrática”

A característica principal deste período foi a constituição de usinas cujos proprietários se aproveitaram da vitória do discurso liberalizante que tomou conta da economia brasileira no pós-guerra, o qual fez com que o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) abrisse brechas na legislação que buscava conter a expansão paulista. Como mostra RAMOS (1999:128-9), a legislação permitiu que os pequenos engenhos e, principalmente, as quotas de produção que foram registradas no período da guerra fossem transformadas em usinas, dando origem a um enorme crescimento do número destas, entre 1946 e 1955 (Tabelas 1 a 4).

O número de usinas em São Paulo continuará em expansão até meados da década de 60. Da tabela 1 cabe destacar outros aspectos: em primeiro lugar a notável expansão da área cortada de cana pelas usinas entre as dez safras, que foram de 1946/47 a 1955/56. Esta tabela apresenta números de uma dada safra (1946/47) pois foi a partir dela que o IAA iniciou a divulgação dos números fornecidos pelas usinas. Destaca-se também que as usinas que foram montadas no primeiro quinquênio tinham, provavelmente, bases agrícolas ou extensões de terras menores, já que a área média cortada decresceu nesse período. No segundo quinquênio, a expansão da área cortada média foi destaque, configurando, também em hipótese, uma evolução centrada em estabelecimentos/imóveis rurais de

¹Economista, Doutor, Professor/Pesquisador do NEA/Núcleo de Economia Agrícola do Instituto de Economia da UNICAMP (e-mail: peramos@eco.unicamp.br).

TABELA 1 - Dados da Estrutura de Produção Agrícola das Usinas Paulistas, 1946/47-1955/56¹

Safr	Área própria cortada		Número de usinas	Área média cortada (ha)	Cana própria moída (t)	Rend. agrícola médio (t/ha)
	ha	Número-índice				
1946/47	45.313,8	100	48	944,0	2.304.771	50,9
1950/51	57.171,0	126	71	805,2	2.685.087	47,0
1955/56	89.838,4	198	77	1.166,7	4.174.567	46,5

¹Elaborada a partir de dados corrigidos das posições finais de safras do IAA. Devido a isso, o número de usinas não é igual ao total das que operaram nas safras indicadas, o que explica a diferença com relação aos números da tabela 4.

Fonte: RAMOS (1983:161).

TABELA 2 - Distribuição da Cana Moída pelas Usinas e Destilarias de São Paulo, do Brasil e dos Principais Estados Produtores de Açúcar de Usina, 1945/46-1955/56¹
(em %)

Ano- safra	São Paulo		Pernambuco		Alagoas		Rio de Janeiro		Brasil	
	Própria	Fornec.	Própria	Fornec.	Própria	Fornec.	Própria	Fornec.	Própria	Fornec.
1945/46	80,6	19,4	55,1	44,9	52,5	47,5	37,0	63,0	57,9	42,1
1951/52	60,7	39,3	54,9	45,1	40,9	59,1	34,3	65,7	53,0	47,0
1955/56	54,4	45,6	50,7	49,3	44,8	55,2	40,4	59,6	51,9	48,1

¹Médias trienais, centradas nas safras indicadas.

Fonte: IAA (1946-1957).

TABELA 3 - Evolução e Distribuição da Produção de Açúcar de Usina, Brasil, 1945/46-1955/56¹
(em %)

Safr	São Paulo	Pernambuco	Alagoas	Rio de Janeiro	Total (%)	Brasil (t)
1945/46	21,3	31,8	9,9	20,0	83,0	973.336
1951/52	29,5	31,3	7,8	15,8	84,0	1.644.307
1955/56	35,0	29,4	8,7	12,6	86,0	2.172.237

¹Médias trienais, centradas nas safras indicadas.

Fonte: IAA (1946-1957).

TABELA 4 - Produção Total de Açúcar e de Álcool, Número e Produção Média de Usinas e de Destilarias, São Paulo, 1944/45-1956/57¹

Safr	Açúcar			Álcool		
	Produção total (t)	N. de usinas	Produção média ¹ (t)	Produção total média (1.000 l)	N. de destilarias	Produção média ¹ (1.000 l)
1944/45-45/46-46/47	184.038/174.998/275.005	38/ 42/ 55	4.670	41.423,9	42/45/50	907,1
1950/51-51/52-52/53	403.787/486.324/565.392	79/79/88	5.897	69.234,8	68/70/68	1.008,7
1954/55-55/56-56/57	790.077/705.962/784.972	92/92/93	8.234	134.360,9	79/78/81	1.697,7

¹Média das produções médias da cada safra.

Fonte: RAMOS, 1983:52 (fonte dos dados: posições finais de safras do IAA).

maiores dimensões de propriedade dos agentes que constituíram usinas².

A evolução do complexo canavieiro paulista fez-se, no primeiro quinquênio, com base em um expansionismo agrário que incorporou muitos novos produtores, sejam novos fornecedores, sejam novas famílias usineiras (como será visto a seguir), caracterizando uma evolução econômica “democrática”. Isso é corroborado pelos dados da tabela 2, na qual se destaca que, no caso de São Paulo, a participação dos fornecedores expandiu-se muito entre 1945/46 e 1951/52, sendo que entre 1951/52 e 1995/56 tal participação cresceu bem menos.

Portanto, em todo o período, o objetivo de uma evolução mais “equilibrada” entre diferentes categorias de produtores (usineiros e fornecedores) foi parcialmente atingido em São Paulo, dada a grande queda ocorrida na cana própria das usinas. A observação vale, também, para o caso de Pernambuco, para todo o período e, para o caso de Alagoas e Rio de Janeiro, apenas para o período entre 1945/46 e 1951/52.

Outro destaque cabe para a última coluna da tabela 1: nela percebe-se que ocorreu uma queda na eficiência agrícola, medida em tonelada de cana por hectare cortado. Ressalvando-se a possibilidade de uma distorção generalizada dos números fornecidos pelas próprias usinas, especialmente em função de sonegação, fica evidenciado que o crescimento da produção de cana própria foi devido à incorporação de novas terras, sem se observar progresso técnico.

A evolução e a distribuição da produção brasileira de açúcar, que aparecem na tabela 3, contribuem para o esclarecimento de outros aspectos da expansão paulista. Ela revela que o

²Essas afirmações são feitas condicionalmente pelo fato de a relação entre o tamanho dos estabelecimentos/imóveis agropecuários das usinas constituídas e as áreas cortadas que aparecem na tabela não necessariamente apontam num mesmo sentido: pode ser que a área cortada varie sem que aquele tamanho varie. Isso mesmo tendo em conta que seria de se esperar que a elevação da produção de açúcar ocorresse com base na elevação da produção de cana própria das usinas. Contudo, há que se ter em conta que a legislação que buscava o “desenvolvimento equilibrado”, e/ou proteger os fornecedores, impunha restrições aos usineiros no tocante ao aproveitamento com cana própria quando ocorressem autorizações de aumento de cotas de produção de açúcar, já que devia ficar comprovada a incapacidade de seus fornecedores em atender tal aumento. Esta parece ser a razão principal que impedia um processo mais forte de utilização das terras dos latifúndios dos usineiros com ampliação dos canaviais, ficando em segundo plano uma perspectiva de manutenção de reservas de terras.

aumento da participação do estado paulista foi responsável direto pela queda da participação dos outros três principais estados produtores de açúcar de usina no Brasil.

Outro aspecto a reter é que essa significativa expansão da participação de São Paulo na produção nacional, bem como a elevação da produção média das usinas paulistas (Tabela 4) não caracterizaram um processo de ganhos de eficiência na transformação industrial relativamente aos demais estados produtores. Vê-se pela tabela 5 que a eficiência das usinas pernambucanas era, inclusive, maior que a das usinas paulistas, o que também acontecia nos casos do Rio de Janeiro e Alagoas. A obsolescência dos equipamentos das usinas destes estados é que deve ter sido a causa principal das quedas de rendimentos ocorridas: tais equipamentos eram, na sua totalidade, importados. No caso paulista, o processamento da cana contava com uma produção de equipamentos já internalizada desde meados da década de 30 (NEGRI, 1977: Cap. 2).

TABELA 5 - Evolução do Rendimento Médio da Produção de Açúcar de Usina, São Paulo, Brasil e Principais Estados Produtores, 1945/46-1955/56¹
(em kg/t)

Ano-safra	São Paulo	Pernambuco	Alagoas	Rio de Janeiro	Brasil
1945/46	94,0	98,0	97,0	98,0	93,6
1951/52	94,6	99,9	91,9	94,4	94,4
1955/56	90,4	96,6	91,5	93,2	91,9

¹Médias trienais, centradas nas safras indicadas.

Fonte: IAA (1946-1957).

A tabela 4 apresenta com detalhes a grande elevação no número de usinas paulistas no período em análise: ele cresceu quase duas vezes e meia em dez anos, já que nas safras de 1942/43 a 1944/45 operaram em São Paulo 38 usinas. Como se pode ver, a produção média cresceu menos (não chegou a dobrar), indicando um movimento de desconcentração na produção de açúcar, tal como o ocorrido na cultura canavieira, como apontado anteriormente. Um destaque importante diz respeito à produção de álcool. No início, o número de destilarias era maior que o número de usinas, ou seja, além das destilarias anexas, havia algumas destilarias autônomas, cuja existência era resultado das medidas implementadas pelo IAA no período pré e durante a

Guerra, com um duplo fim, conforme apontado em SZMRECSÁNYI (1979:180-204): diminuir os excedentes de açúcar e estimular a produção de álcool carburante, dado o problema de abastecimento de petróleo importado. Terminado o conflito mundial, e dada a “abertura” para a produção de açúcar em São Paulo, o complexo concentrou-se na produção desse bem, o que fica evidente, seja pelo menor crescimento da produção de álcool, seja pela evolução bem menor do número de destilarias.

A não elevação do rendimento industrial em São Paulo está relacionada com a característica de que sua expansão, conforme já destacado, acabou sendo assentada na incorporação de terras. Em outras palavras, guarda relação com o fracasso do objetivo da intervenção estatal em provocar uma divisão de trabalho no interior do complexo. Nessa perspectiva, cabe recorrer a outros dados para destacar a especificidade de São Paulo. Como pode ser visto na tabela 6, a evolução da área cultivada com cana em São Paulo foi muito significativa no período em análise: expandiu-se em nada menos do que 2,3 vezes em dez anos, o que foi o motivo principal da elevação de sua participação no total do Brasil. O único outro dos quatro grandes estados produtores que conseguiu elevar participação foi Alagoas. Mas, ao contrário desse estado, o que marcou a evolução paulista foi que o rendimento agrícola médio evoluiu positivamente, embora também no caso de Pernambuco tenha ocorrido um pequeno ganho. Embora a tabela 7 apresente o rendimento agrícola com base no hectare cultivado, uma aproximação comparativa com a última coluna da tabela 1 (rendimento em ha cortado) reforça a característica de um crescimento extensivo.

A tabela 8 traz a evolução das áreas ocupadas com as doze principais culturas agrícolas em São Paulo. Sem descartar uma possível substituição de culturas nas terras paulistas, pelo menos no caso algodão, já que a área desta cultura decresceu significativamente (617 mil ha) entre 1945-47 e 1955-57 (a área de mamona decresceu pouco), o fato é que os dados revelam que o expansionismo agrário do complexo canavieiro paulista fez-se principalmente com base na escala, já que, como indicado anteriormente, parece ter predominado a incorporação de terras disponíveis nos latifúndios paulistas, seja dos proprietários que constituíram usinas, seja daqueles

que se incorporaram ao complexo apenas como fornecedores, o que permitiu uma grande elevação da cana disponível para transformação em açúcar e, residualmente, em álcool. Tal afirmação fica reforçada com base nos dados da tabela 9, na qual se vê que os estabelecimentos agropecuários paulistas ainda tinham, em 1960, mais de um milhão de hectares não utilizados, mais de dois milhões de ha com matas naturais e quase dez milhões com pastagens, predominando as naturais.

3 - O PERÍODO 1956-1967: ainda incorporando terras e produtores

A principal característica da expansão da produção açucareira/alcooleira paulista na segunda metade da década de 50 e primeira da de 60 foi que tal expansão logrou alcançar um particular processo que combinou uma concentração produtiva com ingresso de novos produtores. Não tendo havido alterações significativas no tocante à orientação da legislação e das medidas do IAA, o que importa destacar é que se reforçou sobremaneira a importância do mercado interno brasileiro, concentrado em São Paulo, para o açúcar e álcool produzidos nesse mesmo estado. Foi na segunda metade dos anos cinqüentas que se consolidou a unificação do mercado interno brasileiro sob a hegemonia da industrialização liderada por São Paulo, para o que contribuíram os preços estáveis daqueles bens (RAMOS, 1983:21-2).

A continuação da análise dos dados, conforme apresentados nas tabelas do item anterior, e a agregação de novos permitem tratar as características da expansão nesse período. A tabela 10 evidencia que as áreas próprias (total e média) cortadas pelas usinas continuaram em franca expansão, mantendo o expansionismo mencionado. O que se destaca é que, no período agora em exame, o rendimento agrícola das usinas cresceu também significativamente. Um detalhe a mencionar é que a safra 1965/66 foi excepcional em São Paulo, tanto com relação ao rendimento agrícola obtido como quanto à produção de açúcar, tendo atingido níveis que somente seriam ultrapassados na safra de 1971/72.

Em São Paulo, a participação da cana própria no total moído pelas usinas indica o início de um processo de reversão da característica do

TABELA 6 - Evolução da Distribuição da Área Cultivada com Cana-de-Açúcar no Brasil e nos Principais Estados Produtores, 1945-47, 1950-52 e 1955-57¹
(em %)

Período	São Paulo		Pernambuco	Alagoas	Rio de Janeiro	Total (%)	Brasil (ha)
	%	ha					
1945-47	15,4	112.396	18,5	6,0	9,9	49,8	729.303
1950-52	18,7	163.606	18,9	6,8	9,7	54,1	874.101
1955-57	23,8	267.773	18,0	6,7	8,6	57,0	1.123.133

¹Médias dos triênios.

Fonte: ANUÁRIO (1947-59).

TABELA 7 - Evolução dos Rendimentos de Cana-de-Açúcar em São Paulo e nos Principais Estados Produtores, 1945-47, 1950-52 e 1955-57¹
(em t/ha)

Período	São Paulo	Pernambuco	Alagoas	Rio de Janeiro	Brasil
1945-47	45,0	35,0	46,3	46,3	37,7
1950-52	47,1	35,4	42,3	46,0	39,1
1955-57	47,0	36,3	42,7	41,7	39,3

¹Médias dos triênios.

Fonte: ANUÁRIO (1947-59).

TABELA 8 - Evolução da Área Cultivada com as Doze Principais Culturas, São Paulo, 1945-47 e 1955-57¹

(em 1.000ha)

Período	Café	Algodão	Milho	Arroz	Feijão	Cana	Amendoim	Mamona	Mandioca	Laranjá	Soja	Batata
1945-47	1.308	1.419	870	543	269	112	25	48	38	21	-	44
1955-57	1.554	802	978	660	304	268	144	36	45	18	-	54

¹Médias trienais.

Fonte: SILVA (Coord.), 1990.

TABELA 9 - Utilização das Terras dos Estabelecimentos Agropecuários, São Paulo, 1940, 1950 e 1960

(em ha)

Utilização	1940	1950	1960
1 - Lavouras permanentes	1.671.405	1.564.316	1.681.124
2 - Lavoura temporárias	2.648.399	2.693.317	3.087.109
3 - Área colhida de cana-de-açúcar	n. d.	(132.498)	(291.013)
4 - Pastagens naturais	6.328.595 ¹	4.952.565	5.094.407
5 - Pastagens plantadas/artificiais		3.695.370	4.777.205
6 - Matas (1940), naturais (1950 e 1960)	4.063.360	2.472.044	2.339.926
7 - Matas plantadas		298.502	441.571
8 - Não explorada (1940), incultas (1950-60)	2.841.892	2.353.272	1.136.190
9 - Irrigadas	n. d.	n. d.	56.072
10 - Improdutivas (por diferença)	1.026.176	978.196	689.894
Total	18.579.827	19.007.582	19.303.498

¹Inclui pastos artificiais.

Fonte: CENSO AGRÍCOLA (1940, 1950, 1960).

TABELA 10 - Dados da Estrutura de Produção Agrícola das Usinas Paulistas, 1955/56-1967/68¹

Safrá	Área própria cortada		Número de usinas	Área média cortada (ha)	Cana própria moída (t)	Rend. agrícola médio (t/ha)
	ha	Índice				
1955/56	89.838,4	100	77	1.166,7	4.174.567	46,5
1960/61	138.163,5	154	90	1.535,2	8.219.162	59,5
1965/66	180.197,6	201	95	1.896,8	12.119.907	67,2
1967/68	206.238,8	230	94	2.194,0	12.285.475	59,6

¹Elaborada a partir de dados corrigidos das Posições Finais de safras do IAA. Devido a isso, o número não é o do total de usinas que operaram nas safras indicadas.

Fonte: RAMOS (1983:161).

período anterior: pouco caiu na segunda metade dos anos cinqüentas e estabilizou-se na primeira metade dos anos sessentas (Tabela 11). O estado continuou sendo o de maior participação de cana própria, o que constituiu uma evidência clara de que as usinas que foram sendo montadas em terras paulistas continuaram sendo fundamentalmente de proprietários fundiários. Entre 1956/57 e 1967/68, foram constituídas dez usinas, das quais cinco encerraram atividades até 1973/74. A safra 1966/67 foi a que teve o maior número de usinas (98) operando em terras paulistas. São Paulo continuou ampliando sua participação na produção nacional de açúcar, sendo que o salto maior ocorreu no período 1955/56 - 1961/62 (Tabela 12).

A tabela 13 permite uma análise mais detalhada desse processo: a produção média quase dobrou entre 1955/56 e 1961/62, mas o número de usinas pouco variou. Isso indica forte movimento de concentração produtiva, pela ampliação da escala média das fábricas de açúcar. Quanto à produção de álcool, o movimento seguiu as linhas do período anterior, com um destaque: a produção média cresceu mais na segunda parte do período, evidenciando a importância que este produto assumiu com a intensificação da industrialização brasileira durante o Plano de Metas, que foi implementado entre 1956 e 1961. Também fica confirmado o caráter residual da produção alcooleira. Ainda nesse período fica evidente que muitas usinas não possuíam destilarias anexas. Por sua vez, a tabela 14 evidencia que o rendimento industrial médio das usinas paulistas não apresentava ainda destaque significativo com relação às usinas dos outros principais estados produtores de açúcar de usina no Brasil.

As tabelas 15, 16 e 17 permitem perceber que o expansionismo agrário continuou evi-

dente: a área cultivada com cana em São Paulo cresceu mais na primeira parte do período, indicando que foi ela a principal responsável pela elevação da produção de açúcar. Houve uma elevação do rendimento agrícola em geral, além daquele que foi destacado no caso das usinas, evidenciando que os produtores de cana, ou seja, fornecedores, também apresentaram ganhos de rendimento. Mas não há dúvida de que a área cresceu muito mais. A tabela 17 indica que a cana foi acompanhada no seu movimento expansionista por outras culturas destinadas ao abastecimento do mercado interno, para consumo *in natura* ou não. Contudo, cabe observar que o café e o algodão devem ter cedido áreas significativas para as demais culturas, o que parece ter ocorrido em bem menor medida com o feijão e com a batata. No caso do café, esse movimento esteve concentrado no subperíodo 1961-63-1967-69, em função da política de erradicação dos cafezais que foi implementado pelo governo paulista na época. Tal política levou a uma significativa substituição de cafezais por canaviais em algumas regiões do estado.

Para concluir, são agregados novos dados que reforçam e especificam algumas características da estrutura de produção de açúcar em São Paulo. A tabela 18 indica que as usinas paulistas eram bem menores que os engenhos centrais cubanos, e que o capital estrangeiro tinha em São Paulo uma pequena participação quando comparada ao caso de Cuba, embora ambas tenham sido decrescentes entre 1946 e 1958. Como se sabe, em Cuba predominavam as fábricas de capitais norte-americanos.

A tabela 19 mostra claramente o processo de contínua queda da importação paulista de açúcar de usina de outros estados: se em meados dos anos quarentas, São Paulo importava quase 80% daquilo que produzia, no início dos

TABELA 11 - Distribuição da Cana Moída pelas Usinas e Destilarias do Brasil e dos Principais Estados Produtores, 1955/56 a 1967/68¹

(em %)

Ano-safra	São Paulo		Pernambuco		Alagoas		Rio de Janeiro		Brasil	
	Própria	Fornec.	Própria	Fornec.	Própria	Fornec.	Própria	Fornec.	Própria	Fornec.
1955/56	54,4	45,6	50,7	49,3	44,8	55,2	40,4	59,6	51,9	48,1
1961/62	53,8	46,2	48,3	51,7	44,5	55,5	37,9	62,1	50,5	49,4
1967/68	53,8	46,2	44,1	55,9	46,8	53,2	38,2	61,8	49,1	50,9

¹Médias trienais centradas nas safras indicadas.

Fonte: IAA (1956-1968).

TABELA 12 - Evolução e Distribuição da Produção de Açúcar de Usina no Brasil, 1955/56 a 1967/68¹

(em %)

Safra	São Paulo	Pernambuco	Alagoas	Rio de Janeiro	Total (%)	Brasil (t)
1955/56	35,0	29,4	8,7	12,6	86,0	2.172.237
1961/62	44,2	22,4	8,3	12,8	87,7	3.237.254
1967/68	46,0	19,9	10,6	10,6	87,1	4.147.806

¹Médias trienais, centradas nas safras indicadas.

Fonte: IAA (1956-1968).

TABELA 13 - Produção Total de Açúcar e de Álcool, Número e Produção Média de Usinas e Destilarias, São Paulo, 1954/55 a 1968/69

Safra	Açúcar			Álcool		
	Produção total (t)	Números de usinas	Produção média ¹ (t)	Produção total média (1.000 l)	Número de destilarias	Produção média ¹ (1.000 l)
1954/55-55/56-56/57	790.077/705.962/ 784.972	92/92/93	8.234	134.360,9	79/78/81	1.697,7
1960/61-61/62-62/63	1.436.385/1.416.492/1.440.743	94/93/94	15.287	223.366,3	79/79/74	2.881,6
1966/67-67/68-68/69	1.832.189/1.874.127/2.014.055	98/96/96	19.733	435.838,2	81/81/80	5.395,8

¹Média das médias de cada safra.

Fonte: RAMOS, 1983:52 (com base nos dados das posições finais de safras do IAA).

TABELA 14 - Evolução do Rendimento Médio na Produção de Açúcar de Usina, Brasil e Principais Estados Produtores, 1955/56 a 1967/68¹

(em kg/t)

Ano-safra	São Paulo	Pernambuco	Alagoas	Rio de Janeiro	Brasil
1955/56	90,4	96,6	91,5	93,2	91,9
1961/62	93,2	89,1	89,6	96,8	92,0
1967/68	95,0	93,0	93,4	97,2	94,0

¹Médias trienais de safras.

Fonte: IAA (1956-1969).

TABELA 15 - Evolução da Distribuição da Área Cultivada com Cana-de-Açúcar no Brasil e Principais Estados Produtores, 1955-57-1967-69¹

(em %)

Período	São Paulo		Pernambuco	Alagoas	Rio de Janeiro	Total (%)	Brasil (ha)
	%	ha					
1955-57	23,8	267.773	18,0	6,7	8,6	57,1	1.123.133
1961-63	27,4	396.680	16,9	7,1	8,3	59,7	1.447.423
1967-69 ²	29,5	495.985	14,1	6,9	8,2	58,7	1.679.864

¹Médias trienais.²No período 1967/69, a área acima é a colhida e não mais a cultivada.

Fonte: SILVA (Coord.), 1990.

TABELA 16 - Evolução dos Rendimentos de Cana-de-Açúcar, São Paulo, Brasil e Principais Esta-

dos, Períodos 1955-57, 1961-63 e 1967-69¹
(t/ha)

Período	São Paulo	Pernambuco	Alagoas	Rio de Janeiro	Brasil
1955-57	47,1	36,7	42,9	41,8	39,3
1961-63	53,8	41,3	43,1	39,9	42,8
1967-69	54,3	45,6	46,6	41,3	45,4

¹Médias trienais.

Fonte: SILVA (Coord.), 1990.

TABELA 17 - Evolução da Área Cultivada com as Principais Culturas no Estado de São Paulo, Período 1955-57 a 1967-69¹

(em 1.000ha)

Período	Café	Algodão	Milho	Arroz	Feijão	Cana	Amendoim	Mamona	Mandioca	Laranja	Soja	Batata
1955-57	1.554	802	978	660	304	268	144	36	45	18	-	54
1961-63	1.386	699	1.132	617	290	397	416	47	87	46	4	50
1967-69 ²	785	449	1.333	721	243	496	515	60	106	77	35	47

¹Médias trienais.

²Os dados do período 1967/69 referem-se à área colhida e não cultivada.

Fonte: SILVA (Coord.), 1990.

TABELA 18 - Dados Comparativos da Estrutura de Produção de Açúcar entre Cuba e São Paulo, Anos 1946 e 1958 e Safras 1945/46 e 1957/58

Informação	Cuba		São Paulo	
	Ano de 1946	Ano de 1958	Safra 1945/46	Safra 1957/58
Produção de açúcar (em t)	3.940.213	5.780.600	174.998	1.077.384
Número de unidades produtoras	161	161	42	94
Produção média por unidade	24.473	35.904	4.166,6	11.461,5
Participação do capital estrangeiro (%)	71,9	37,9	24,8	7,3

Fonte: IAA (1947-1959) e LÓPEZ (1982:95-118).

TABELA 19 - Evolução da Produção e da Importação de Açúcar de Usina pelo Estado de São Paulo, 1944 a 1962¹

Evolução da produção (a)			Evolução da importação (b)			(b)/(a) (%)
Ano-safra	Quantidade (t)	Índice	Ano civil	Quantidade (t)	Índice	
1944/45	178.869,4	100	1945	142.231,9	100	79,5
1950/51	415.622,0	232	1951	132.711	93	31,9
1954/55	732.554,8	410	1955	151.679,0	107	20,7
1960/61	1.368.823,1	765	1961	61.015,3	43	4,5

¹Médias trienais.

Fonte: IAA (1945-1962).

anos sessentas tal participação não chegava a 5%. Uma perda significativa, sem dúvida, para o

açúcar de Pernambuco, que era responsável maior pelo abastecimento do mercado paulista. Assim, o objetivo do IAA em garantir o mercado interno mais importante do País para aquele produto nordestino fracassou inquestionavelmente.

4 - O PERÍODO 1968-1980: da concentração estimulada na produção de açúcar à produção alternativa de álcool - novas terras, novos produtores

A característica principal da evolução da agroindústria canavieira paulista entre 1968 e 1980 foi a sua não submissão, abertamente, à idéia de um “desenvolvimento equilibrado”, que a orientação da intervenção estatal vinha buscando até então. Essa orientação já havia dado sinais de fraqueza no final do período anterior, mas foi com o endurecimento do regime militar no Brasil que ela foi abandonada, implementando-se uma orientação concentracionista nas medidas do IAA sob tal regime. Isso pode ser captado com base na análise dos mesmos dados que têm sido apresentados e resultaram tanto em uma concentração fundiária como em uma concentração fabril. Toda a legislação que buscava proteger o fornecedor de cana foi desrespeitada com base em decretos dos “programas de racionalização e de apoio à agroindústria açucareira”, entre 1971 e 1973, cabendo destacar que seu início se deu com a mudança na definição legal de fornecedor em 1968 (SZMRECSÁNYI, 1979: 430-6 e RAMOS, 1999:139-41).

4.1 - A Continuidade de um Processo e de uma Estrutura, com o Apoio do Estado

A tabela 20 indica que a área de cana cortada pelas usinas apresentou dois movimentos que se combinam, antes do advento do PROÁLCOOL em 1975: o primeiro deles é uma grande elevação do total de hectares cortados, mesmo com o número de usinas tendo decrescido. Isso foi possível porque a idéia de um porcentual a ser respeitado quanto à cana de fornecedores já não mais tinha força de se impor. O segundo é que a área média cortada mais do que dobrou entre 1967/68 e 1975/76, resultado, em grande medida, dos estímulos à concentração fundiária que caracterizou essa nova fase da intervenção estatal, que pressupunha, sem qualificação e

sem considerações outras, que havia economias de escala na produção canavieira. Aparentemente, a elevação do rendimento agrícola das áreas cortadas pelas usinas poderia ser vista como uma confirmação dessa pressuposição. Contudo, o fato é que se pode atribuir tal elevação tanto à incorporação de terras de melhores qualidades e/ou fertilidade como à incorporação de progressos tecnológicos diversos (variedades mais produtivas, maior fertilização, etc.). Na realidade, no período em análise, essas duas razões podem ser consideradas dominantes, assim como o crescimento do rendimento ocorrido na década de 50.

Observe-se que a maior elevação de rendimento ocorreu exatamente após a inclusão na tabela dos dados das destilarias autônomas, constituídas com o PROÁLCOOL: como será visto a seguir, essas destilarias foram montadas, em grande medida, por proprietários de terras que as utilizavam para pecuária de corte ou mesmo por usineiros, em áreas que não eram tradicionalmente ocupadas com cana. Como se sabe, é natural ocorrer, nesses casos, um maior rendimento, já que o canavial é recém-formado³.

A tabela 21 confirma a análise anterior: pela primeira vez desde o pós guerra, a participação de cana própria das usinas em São Paulo cresceu significativamente, exceto para o período posterior à criação do PROÁLCOOL. É interessante observar que os efeitos das medidas concentracionistas foram bem menos perceptíveis nos demais estados importantes produtores de açúcar no Brasil, o que faz ressaltar a característica estrutural da integração vertical no complexo canavieiro paulista. Mas ocorreram dois movimentos distintos: enquanto que, em função do Plano de Racionalização/Apoio, a participação da cana própria foi crescente, como era de se esperar, o PROÁLCOOL teve como efeito imediato uma ampliação do fornecimento, o que não quer dizer que as destilarias montadas tenham sido menos integradas que as usinas.

Por sua vez, a produção de açúcar no Brasil continuou a se concentrar em São Paulo, tendo atingido em meados da década de 70 quase 50% do total brasileiro (Tabela 22). Nova-

³Quanto ao número de usinas (e, agora, destilarias), optou-se por tratá-lo a partir dos dados da tabela 23.

TABELA 20 - Dados da Estrutura de Produção Agrícola das Usinas Paulistas, 1967/68-1980/81¹

Safrá	Área própria cortada		N. de usinas	Área média cortada (ha)	Cana própria moída (t)	Rendimento agrícola (t/ha)
	ha	Índice				
1967/68	206.238,8	100	94	2.194,0	12.285.475	59,6
1970/71	263.619,3	128	91	2.896,9	16.512.174	62,6
1975/76	354.706,8	172	78	4.547,5	20.021.291	56,4
1980/81 ²	539.562,0	262	87	6.201,9	41.258.573	76,5

¹Elaborada a partir dos dados corrigidos das Posições Finais de safras do IAA. Devido a isso, o número de usinas não é o do total daquelas que operaram nas safras indicadas.

²Inclui destilarias autônomas.

Fonte: RAMOS (1983:161).

TABELA 21 - Distribuição da Cana Moída pelas Usinas e Destilarias, Brasil e Principais Estados Produtores, 1967/68-1980/81¹

Ano-safrá	(em %)									
	São Paulo		Pernambuco		Alagoas		Rio de Janeiro		Brasil	
	Própria	Fornec.	Própria	Fornec.	Própria	Fornec.	Própria	Fornec.	Própria	Fornec.
1967/68	53,8	46,2	44,1	55,9	46,8	53,2	38,2	61,8	49,1	50,9
1971/72	58,0	42,0	38,7	61,3	48,6	51,4	39,2	60,8	51,1	48,9
1975/76	63,5	36,5	30,5	69,5	44,0	56,0	40,8	59,2	52,8	47,2
1980/81	58,3	41,7	32,0	68,0	48,3	51,7	37,8	62,2	51,4	48,6

¹Médias trienais, centradas nas safras indicadas.

Fonte: IAA (1968-1982).

TABELA 22 - Distribuição e Evolução da Produção de Açúcar de Usina no Brasil, 1967/68-1980/81¹

Safrá	(em %)					Total (%)	Brasil (t)
	São Paulo	Pernambuco	Alagoas	Rio de Janeiro			
1967/68	46,0	19,9	10,6	10,6		87,1	4.147.806
1971/72	47,9	18,7	11,0	9,1		86,7	5.479.513
1975/76	49,4	17,1	13,7	7,3		87,5	6.605.462
1980/81	46,4	16,4	15,1	6,2		84,1	7.560.617

¹Médias trienais, centradas nas safras indicadas.

Fonte: IAA (1968-1982).

TABELA 23 - Produção Total de Açúcar e de Álcool, Número e Produção Média de Usinas e Destilarias, São Paulo, 1966/67-1981/82

Safrá	Açúcar			Álcool		
	Produção total (t)	Números de usinas	Produção média ¹ (t)	Produção total média (1.000 l)	Números de destilarias	Produção média ¹ (1.000 l)
1966/67-67/68-68/69	1.832.189/1.874.127/2.014.055	98/96/96	19.733	435.838,2	81/81/80	5.395,8
1974/75-75/76-76/77	3.346.269/2.869.333/3.563.614	81/79/77	41.304	409.348,7	73/69/68	5.857,1
1979/80-80/81-81/82	2.756.414/3.842.348/3.915.168	74/73/75	47.362	2.637.959	82/85/92	30.544,0

¹Média das médias de cada safrá.

Fonte: RAMOS, 1983:53 (com base nos dados das posições finais de safrá do IAA).

mente aqui, a inflexão ocorreu com o advento do PROÁLCOOL, já que, após 1975, essa participa-

ção caiu, indicando a importância que a produção de álcool passaria a ter particularmente no caso paulista. Tal queda também se deve ao aumento da produção de açúcar nos Estados do Paraná e Minas Gerais, vizinhos de São Paulo, que, aliás, receberam investimentos dos proprietários paulistas. Novamente se destaca o caso de Alagoas, como também de aumento de participação.

A tabela 23 evidencia como se deu o aumento da participação de São Paulo. Em primeiro lugar, cabe destacar que se fez com enorme diminuição do número de usinas, o que foi a razão básica de ter mais do que dobrado a produção média entre 1967/68 e 1975/76. A partir dessa safra há que se ter em conta os impactos do advento do PROÁLCOOL, responsável pela grande elevação da produção de álcool entre 1975/76 e 1980/81, seja quanto ao total, seja quanto à produção média por destilaria. O que se destaca é que o número de destilarias, pela primeira vez depois de 35 anos, voltou a ser maior do que o de usinas. Em outras palavras, retomou-se o estímulo à produção de álcool como combustível. O álcool produzido nesse período foi, na sua grande maioria, o anidro, para consumo em mistura com a gasolina.

O fundamental é destacar que esse processo se fez com um duplo apoio estatal: em primeiro lugar, financiou a concentração fabril e a incorporação de cotas de produção de fornecedores (pelas usinas e entre estes); e, em segundo lugar, financiou a montagem de destilarias, já que o PROÁLCOOL concedeu financiamentos fartamente subsidiados, seja para que os usineiros anexassem às suas fábricas unidades de destilação, seja para que constituíssem novas unidades, denominadas destilarias autônomas, seja para que outros proprietários constituíssem também tais unidades produtoras (Tabela 24).

Os dados da tabela 24 esclarecem um comentário anterior: percebe-se que, no caso das usinas, ocorreu uma queda da participação da cana própria no total esmagado por elas, o que é perfeitamente compreensível se se levar em conta o fato de que elas, nesse período, mais do que dobraram o total de cana moída (de 30,4 para 66 milhões de t). No caso das destilarias autônomas, o percentual de cana própria chegou próximo de três quartos. Com isso evidencia-se algo que predominou quando do surgimento do PROÁL-

COOL: havia uma idéia de que somente destilarias auto-suficientes em cana seriam rentáveis e/ou viáveis economicamente. Deve ser destacado ainda que foram “os empresários tradicionais do setor que usufruíram, não só do conhecimento e experiência já adquiridos neste ramo de produção, como principalmente de investimentos já feitos na indústria e na lavoura cuja época de maturação coincidiu com o início do programa” (MOREIRA, 1989:57). No final deste item, mostra-se como se deu a distribuição do apoio estatal aos investimentos dos dois Planos (Racionalização e PROÁLCOOL).

TABELA 24 - Importância do Álcool como Produto Alternativo ao Açúcar e seu Reforço à Integração Vertical, São Paulo, Safras 1975/76 e 1980/81

Item	Safra 1975/76	Safra 1980/81
1 - % de cana moída para álcool pelas usinas	0	32,5
2 - % de cana própria das usinas	65,9	59,5
3 - Número de destilarias autônomas	1	14
4 - % de cana própria das destilarias	25,5	71,2

Fonte: Dados da pesquisa.

Ainda na década de 70 o rendimento fabril médio das usinas paulistas não era significativamente superior ao dos demais estados, embora estivesse acima da média do Brasil (Tabela 25). Esse rendimento foi analisado também por GEMENTE; RUAS; LOPES [s.d.], que mostraram que ele ficou praticamente estacionado entre 1969/70 e 1981/82, em torno de 95,0kg por t de cana (ver também PINAZZA e PELIN, 1981). Em meados dessa década, aquele rendimento ainda estava bem abaixo de congêneres de outros países, como mostrado em RAMOS (1999:165). A partir da safra 1980/81, as Posições Finais de Safras do IAA deixaram de calcular o rendimento da produção de açúcar, em decorrência das dificuldades geradas com a destinação da cana e/ou do caldo também para a produção de álcool nas destilarias anexas às usinas. Devido a isso, a queda entre 1975/76 e 1978/79 não deve ser considerada importante em si mesma, mas constitui um indicativo da rapidez com que os usineiros paulistas desviaram suas canas para a produção de álcool.

Os dados das tabelas 26, 27 e 28 re-

TABELA 25 - Evolução do Rendimento Médio na Produção de Açúcar de Usina, São Paulo, Brasil e Principais Estados Produtores, 1967/68-1978/79¹

(kg/t)

Ano-safra	São Paulo	Pernambuco	Alagoas	Rio de Janeiro	Brasil
1967/68	95,0	93,0	93,4	97,2	94,0
1971/72	91,9	84,1	84,2	89,1	88,9
1975/76	91,0	78,1	73,4	83,2	84,7
1978/79	77,1	80,3	78,3	81,4	77,3

¹Médias trienais, centradas nas safras indicadas. A partir da safra 1980/81, as posições finais de safras do IAA não mais trouxeram o rendimento industrial devido à indefinição de um novo critério de cálculo.

Fonte: IAA (1968-1980).

TABELA 26 - Evolução da Distribuição da Área Colhida com Cana-de-Açúcar no Brasil e nos Principais Estados Produtores, 1967-69-1979-81¹

(em %)

Período	São Paulo		Pernambuco	Alagoas	Rio de Janeiro	Total (%)	Brasil (ha)
	%	ha					
1967-69	29,5	495.985	14,1	6,9	8,2	58,7	1.679.864
1973-75	33,9	676.287	15,1	10,1	8,0	67,1	1.994.898
1979-81	38,6	1.025.595	13,5	13,5	7,3	72,9	2.656.828

¹Médias trienais.

Fonte: SILVA (Coord.), 1990.

TABELA 27 - Evolução dos Rendimentos de Cana-de-Açúcar nos Principais Estados, 1967-69-1979-81¹

(t/ha)

Período	São Paulo	Pernambuco	Alagoas	Rio de Janeiro	Brasil
1967-69	54,3	45,6	46,6	41,3	45,4
1973-75	56,0	47,8	46,3	38,3	46,6
1979-81	68,4	47,7	52,2	48,9	55,6

¹Médias trienais.

Fonte: SILVA (Coord.), 1990.

TABELA 28 - Evolução da Área Colhida com as Principais Culturas no Estado de São Paulo, 1967-69-1979-81¹

(em 1.000ha)

Período	Café	Algodão	Milho	Arroz	Feijão	Cana	Amendoim	Mamona	Mandioca	Laranja	Soja	Batata
1967-69	785	449	1.333	721	243	496	515	60	106	77	35	47
1973-75	659	421	1.233	506	264	676	224	80	59	271	309	26
1979-81	836	286	1.078	305	453	1.026	200	26	27	397	547	30

¹Médias trienais

Fonte: SILVA (Coord.), 1990.

forçam a observação do final do parágrafo anterior. Em primeiro lugar, pode-se perceber como o estado paulista ampliou, depois do PROÁL-COOL, sua participação na área colhida de cana do Brasil, tendo sido acompanhado, nesse movimento, apenas por Alagoas. Os rendimentos agrícolas obtidos em São Paulo, tomando-se a produção total de cana e não apenas a das usi-

nas, continuaram superiores, devendo ser considerado agora o fato de que a expansão da área incorporou terras de produtores novos, que adentraram no complexo como fornecedores, seja para abastecer as destilarias autônomas que foram montadas, seja para permitir o aumento ou mesmo início da produção de álcool nas usinas que já possuíam destilarias ou que vieram a anexá-las.

A tabela 28 indica que cana, feijão, laranja e soja tiveram expansões significativas de área no período 1967-69 a 1979-81. Porém, cabe destacar que a cana passou a ser a segunda cultura em termos de área colhida em São Paulo, quase se igualando à área do milho. Essa expansão da área com cana em São Paulo levou a um efeito-substituição, detalhadamente estudado por GATTI (1987), muito forte nas terras paulistas. Em síntese, ocorreu que, entre 1968-70 e 1980-82, período no qual se fizeram presentes os impactos dos dois planos de incentivo ao complexo canavieiro (Racionalização/Apoio e PROÁLCOOL), esse autor detectou que a cultura que mais incorporou área agricultável foi a cana (953 mil ha), sendo que a atividade que mais cedeu área para a cana foi a pecuária praticada em pastagens naturais (582 mil ha), sendo seguida pela cultura do arroz (117 mil ha), algodão (101 mil ha) e o milho (58 mil ha). Dos 953 mil ha, o autor atribuiu apenas 47 mil ha a um efeito-escala nas áreas do estabelecimentos rurais de São Paulo (GATTI, 1987:83-4). Essa substituição de pastos nativos por cana foi feita, em grande medida, pelos próprios proprietários das terras de pastos, que, com os incentivos do PROÁLCOOL, tiveram acesso aos recursos subsidiados que permitiram a montagem de destilarias autônomas. Isso ocorreu nas áreas do oeste do estado, próximas à divisa com o Estado do Mato Grosso do Sul.

A tabela 29 traz (da mesma forma que a 9) a distribuição da utilização das terras dos estabelecimentos agropecuários paulistas em 1970 e em 1980. Pode-se ver que, em 1970, os estabelecimentos agropecuários paulistas ainda possuíam grandes reservas internas de terras (mais de um milhão de ha), e mais de dez milhões de ha com pastagens, que representavam mais da metade de suas áreas totais. A área cultivada (áreas de lavouras, pastagens e matas artificiais/plantadas) dos latifúndios paulistas representava, em 1970, apenas 60% da área em exploração, conforme demonstrou LOPES (1977: 49). A comparação com os dados de 1980 não se contradiz com os comentários anteriores, especialmente com relação às conclusões do trabalho de GATTI (1987), pois indica tanto o avanço de culturas permanentes (principalmente laranja) quanto temporárias (especialmente cana e soja), bem como uma queda das áreas com pastagens

TABELA 29 - Utilização das Terras dos Estabelecimentos Agropecuários, São Paulo, 1970 e 1980
(em ha)

naturais e terras em descanso e produtivas não utilizadas. Nota-se que a área colhida com cana evoluiu de 16% para quase 26% em relação à área de lavouras temporárias.

A tabela 30 traz dados referentes à distribuição dos recursos do Plano de Racionalização/Apoio e do PROÁLCOOL. A fonte de financiamento do primeiro foi o Fundo Especial de Exportação (FEE), criado em 1965 (formado com base em taxa *ad valorem*), e considerável com a elevação do preço internacional e das exportações brasileiras de açúcar no período 1968-1974. Fica evidenciado como os recursos retornaram aos produtores de maneira bastante desigual. O financiamento do PROÁLCOOL foi feito com base em recursos internos (Tesouro Nacional) e com ajuda do Banco Mundial, com vultosos subsídios explícitos (RAMOS, 1999:172).

A tabela 31 evidencia que os (maiores) grupos usineiros paulistas ampliaram significativamente a participação da cana própria no total esmagado por eles no período que se sucedeu ao Plano de Racionalização/Apoio e à primeira fase do PROÁLCOOL (1975-79), embora eles não sejam exatamente os mesmos nos dois períodos destacados.

Como constatou RAMOS 1999: Caps. 1 e 2, alguns desses grupos estavam entre os maiores no período anterior a 1929: os casos do grupo francês Societé, do Morganti, Matarazzo e Nogueira. Outros constituíram algumas de suas usinas (e destilarias) também antes de 1929, mas muitas outras depois disso, aparecendo entre os oito maiores somente após 1946: são os casos da família Ometto, Biagi, Bellodi e Marchesi. O Grupo Dedini se constitui num caso específico: como se sabe, é produtor de equipamentos para usinas e destilarias, e acabou assumindo usinas em dificuldades, nas quais já possuía participação acionária, em função da crise porque passou a economia brasileira e a agroindústria canavieira no início da década de 60. Outro destaque cabe para o Grupo Silva Gordo, que adquiriu as usinas dos grupos Morganti e Societé, tendo penetrado no complexo canavieiro vindo do sistema financeiro. A família Virgolino de Oliveira possuía uma usina desde o início da década de 30 e assumiu, em 1973, o controle de uma outra, que pertencia ao Grupo Dedini. Os demais grupos constituíram e/ou adquiriram suas usinas entre 1946 e 1958,

Utilização	1970	1980
1 - Lavouras permanentes	1.145.152	1.764.290
2 - Lavouras temporárias	3.590.773	4.169.751
3 - Área colhida com cana-de-açúcar	(580.487)	(1.073.120)
4 - Pastagens naturais	5.531.823	3.214.406
5 - Pastagens plantadas	5.931.560	7.092.654
6 - Matas naturais	1.849.474	1.530.805
7 - Matas plantadas	577.436	865.831
8 - Terras em descanso e produtivas não utilizadas	1.124.723	512.856 (166.107+346.749)
9 - Irrigadas	91.463	n. d.
10 - Improdutivas (por diferença)	573.620	1.010.407
Total	20.416.024	20.161.000

Fonte: CENSO AGROPECUÁRIO (1975, 1984).

TABELA 30 - Distribuição das Aplicações do Plano de Racionalização e dos Projetos Aprovados pelo PROÁLCOOL
(Capacidade de produção em milhão de litros por safra)

Aplicações do FEE (até 31/12/1977)				Projetos aprovados pelo Proálcool (até 31/12/81)				
Estado	%	Atividade	%	Estado	Destils. anexas		Dests. autônomas	
					N.	Cap. prod.	N.	Cap. prod.
S. Paulo	28,7	Modernização de usinas	30,8					
Pernambuco	23,2	Fusão, realocação e incorporação de usinas	15,5	São Paulo	84	1.769,2	67	1.242,9
Alagoas	23,0	Equalização e subsídio de preço ao consumidor	31,3	Pernambuco	23	274,1	06	90,0
Rio de Janeiro	9,0	Reforço de capital de giro às coops. produtores de açúcar	10,0	Alagoas	25	457,4	10	289,4
Subtotal	83,9	Reforço de capital de giro às coops. de fornecedores	3,9	Rio de Janeiro	12	162,4	01	27,0
Demais	16,1	Demais atividades ¹	8,4	Demais	31	465,7	134	3.209,8
Brasil	100	Total	100	Brasil	175	3.128,8	218	4.859,1

¹Referem-se à incorporação de cotas de fornecedores, aos subsídios de juros nos financiamentos de entressafra e de expansão de lavouras, ao financiamento de máquinas e implementos às cooperativas de fornecedores de cana, ao reforço de infra-estrutura de exportação e ao Programa Nacional de Melhoramento de Cana-de-Açúcar.

Fontes: IAA (1977 e 1981).

tendo adentrado o complexo de forma idêntica: com predomínio do esmagamento de cana própria. Os casos em que foi possível detectar uma atuação mais diversificada anterior se resumem aos do Grupo Balbo, que possuía também uma construtora, e o Grupo Zillo-Lorenzetti, que atuava também na indústria têxtil.

4.2 - Um Breve Detalhamento do Processo: as diferenças regionais

O expansionismo agrário tratado anteriormente pode ser captado igualmente com base em dados regionalizados. Desde o início do século XX a produção canavieira/açucareira paulista

TABELA 31 - Os Doze Maiores Grupos Açucareiros, por Período, com Respective Percentuais de Cana Própria, São Paulo¹

Informações Econômicas, SP, v.31, n.8, ago. 2001.

Grupos ²	Safras 1965/66-66/67-67/68			Safras 1978/79-79/80-80/81		
	N. de usinas	% Cana própria	% na prod. de açúcar ³	N. de usinas	% Cana própria	% na prod. de açúcar ³
1 - Irmãos Ometto	11	49,2	25,0	10	48,0	25,4
2 - Grupo Zillo-Lorenzetti	03	50,3	5,1	02	80,7	7,0
3 - Societé des S. Bresiliennes	03	39,0	5,0	-	-	-
4 - Grupo Dedini	04	45,8	4,6	-	-	-
5 - Morganti - Silva Gordo	02	48,5	4,3	01	60,3	2,2
6 - Irmãos Biagi	02	45,1	3,5	02	47,7	5,5
7 - Família Balbo	02	58,3	2,6	02	62,2	2,8
8 - Família Nogueira	02	32,0	2,6	-	-	-
9 - Família Marchesi	03	63,0	2,4	-	-	-
10 - Coury/Furlan/Barrichello	03	50,8	2,4	03	51,6	1,7
11 - Grupo Matarazzo	01	64,3	1,9	01	78,4	1,8
12 - Família José Corona	01	56,1	1,9	01	72,3	2,9
13 - Fam. Virgolino de Oliveira	-	-	-	02	63,2	3,6
14 - Irmãos Bellodi	-	-	-	02	68,2	2,8
15 - Jorge W. Atalla	-	-	-	01	79,9	2,1
16 - Fam. Renato R. Barbosa	-	-	-	02	62,5	2,0
Total 12 grupos	37	49,2	61,3	29	58,4	59,8
Demais grupos	61	52,8	38,7	48	62,5	40,2

¹Médias das safras indicadas.

²Os grupos são considerados a partir de sua origem familiar, desconsiderando-se subdivisões internas posteriores.

³É a participação no total de açúcar produzido no Estado de São Paulo, tomando-se a média de cinco safras (1966/67 a 1970/71 e 1976/77 a 1980/81).

Fonte: IAA (1956-1969), RAMOS (1983) e informações coletadas na Junta Comercial do Estado de São Paulo.

estava concentrada em duas regiões que tinham nos municípios de Piracicaba e de Ribeirão Preto seus pólos irradiadores. De fato, em 1940, as áreas denominadas de microrregiões homogêneas definidas pelo IBGE em torno desses municípios ainda eram responsáveis por 54% da produção de cana-de-açúcar no estado. Esse percentual caiu progressivamente, chegando a pouco mais de um quarto em 1980. Em 1949/50, Piracicaba foi o município maior produtor de açúcar de usina em São Paulo, posição que passou a ser ocupada por Sertãozinho (na região de Ribeirão Preto) em 1981/82, conforme RAMOS e PERES (1999). Durante o período 1940-1980, o expansionismo agrário da cana atingiu outras regiões de terras férteis do território paulista.

Alguns trabalhos produzidos por técnicos do extinto PLANALSUCAR, órgão do IAA responsável pelo melhoramento da cana no Brasil, trataram de aspectos da cultura canavieira no País e no Estado de São Paulo (AZZI, 1972, CARVALHO e GRAÇA, 1976, LAVORENTI; CAMPOS; GHELLER [s.d.]). Nesses trabalhos encontra-se uma divisão regional que tem em TABELA 32 - Distribuição do Número de Usinas Paulistas por Região, com Percentual de Cana Própria Moída, Estado de São Paulo¹

conta a expansão canavieira considerando-se grandes áreas a partir de outros centros de irradiação decorrentes da existência e/ou instalação de usinas. Essa divisão é aqui aproveitada, como a referência para a construção das próximas tabelas.

As tabelas 32 e 33, além de confirmarem que as regiões de Piracicaba e de Ribeirão Preto são as mais antigas no complexo canavieiro paulista, indicam que suas usinas tinham, na média das safras 1978/79-1979/80-1980/81, os menores percentuais de cana própria; indicam também que o movimento foi no sentido de se manterem em atividade as usinas com maiores participações de cana própria.

Associando os dados das tabelas 32 e 33 com os da tabela 31, tem-se a seguinte distribuição da localização das 29 usinas dos maiores grupos, para o período 1978/79-1980/81: os grupos Balbo, Biagi, Matarazzo, Bellodi e Corona, tinham todas as suas oito unidades industriais na região de Ribeirão Preto; as duas do Zillo-Lorenzetti e a do Grupo Atalla ficavam na região de Jaú; as duas do Grupo Renato R. Barbosa na

Região de influência	Safras 1965/66-66/67-67/68		Safras 1978/79-79/80-80/81	
	N. usinas	% Cana própria	N. usinas	% Cana própria
1 - Piracicaba	38	49,4	30	54,7
2 - Ribeirão Preto	25	55,2	21	60,6
3 - Araraquara	10	58,7	08	77,6
4 - Jaú	12	47,5	07	64,0
5 - Aranito	08	42,6	07	65,2
6 - Vale do Paranapanema	05	56,8	04	64,0
Estado São Paulo	98	51,7	77	64,4

¹Médias das safras indicadas.

Fonte: IAA (1965-1982).

TABELA 33 - Distribuição do Número de Usinas Paulistas, por Região e por Períodos de Primeira Safra, com Percentual de Cana Própria Moída, Estado de São Paulo¹

Região	Safras 1965/66, 1966/67, 1967/68						
	Antes de 1944/45		Entre 1945/46 e 1955/56		Entre 1956/57 e 1967/68		N. usinas
1 - Piracicaba	16	49,2	20	47,7	02	66,8	38
2 - Ribeirão Preto	10	54,3	13	56,6	02	51,1	25
3 - Araraquara	02	65,8	05	56,9	03	57,1	10
4 - Jaú	03	45,2	07	49,5	02	44,0	12
5 - Aranito	02	83,3	04	43,6	02	0,0	08
6 - Vale do Paranapanema	0	-	04	57,7	01	53,0	05
Estado de São Paulo	33		53		12		98

Região	Safras 1978/79, 1979/80, 1980/81						
	Antes de 1944/45		Entre 1945/46 e 1955/56		Entre 1956/57 e 1967/68		N. usinas
1 - Piracicaba	12	54,5	17	53,5	01	76,2	30
2 - Ribeirão Preto	08	59,8	12	62,6	01	43,8	21
3 - Araraquara	02	72,2	04	75,2	02	88,0	08
4 - Jaú	02	74,8	05	59,7	0	-	07
5 - Aranito	01	100	04	66,3	02	45,7	07
6 - Vale do Paranapanema	0	-	04	64,0	0	-	04
Estado de São Paulo	25		46		06		77

¹Médias das safras.

Fonte: IAA (1944-1969).

região do Vale do Paranapanema; a do Grupo Silva Gordo, na região de Araraquara; as três do Grupo Coury/Furlan/Barrichello na região de Piracicaba, que abrigava também sete fábricas do Grupo Ometto, sendo que suas outras três ficavam nas regiões de Araraquara, Ribeirão Preto e Jaú; quanto às duas usinas do Grupo Virgolino de Oliveira, uma ficava na região de Piracicaba e a outra na do Aranito.

Finalmente, a tabela 34 contribui para o entendimento de aspectos do fornecimento de cana na estrutura de produção do complexo cana-

TABELA 34 - Dados sobre o Fornecimento de Cana, Estado de São Paulo, Por Região, Safra 1978/79

vieiro do Estado de São Paulo, destacando-se as diferenças regionais. Fica reforçada a idéia de que as regiões de Piracicaba e de Ribeirão Preto são as que apresentam maiores percentuais de áreas de cana pertencentes aos fornecedores. A região do Aranito é destaque pelo pequeno número de fornecedores e segunda maior área média cortada e, por conseguinte, maior quantidade média fornecida, cabendo a primeira posição nesses aspectos à região do Vale do Paranapanema. Outro aspecto interessante a ser observado é que os rendimentos agrícolas não indicam predomínio de

Região	N. de forn.	% do Estado	% da cana de fornec.	% na área de cana: fornec. s/total reg.	Quantidade média fornecida (t)	Área média cortada (ha)	Rend. agrícola (t/ha)	
							Usina	Fornec.
Piracicaba	3.938	50,0	38,4	39,0	1.546,8	22,8	69,5	67,9
Ribeirão Preto	1.692	21,5	41,0	43,1	4.199,0	57,2	79,9	73,4
Araraquara	542	6,9	30,2	27,4	3.646,7	33,1	68,8	79,2
Jaú	1.386	17,6	35,5	33,4	2.533,7	46,1	69,6	76,5
Arenito	250	3,2	38,9	38,1	6.193,6	80,3	74,4	77,1
Vale Paranapanema	72	0,9	25,8	25,7	7.014,6	103,2	67,7	68,0
Estado São Paulo	7.880	100	37,3	37,0	2.631,7	36,2	72,5	72,8

Fonte: LAVORENTI; CAMPOS; GHELLER [s.d.].

eficiência produtiva dos canaviais das usinas e tampouco de associação positiva entre maiores áreas médias cortadas e rendimentos, o que coloca em xeque o aproveitamento de supostas economias de escala que foi usado como justificativa para as medidas concentracionistas de 1971/73. Essa questão foi tratada por MANOEL (1986:148), que chegou à conclusão de que os resultados de sua análise *“mostraram que não existem diferenças significativas de eficiência... entre os diversos tamanhos de propriedades, notadamente entre as médias e as grandes”* (ver, também, SILVA, 1983).

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho concentrou-se na demonstração de que a expansão da produção de açúcar no Estado de São Paulo fez-se com base em uma expansão extensiva da cultura canieira, em todo o período, liderada por proprietários fundiários que constituíram usinas. No período 1946-1967, destacou-se a incorporação de novos produtores; entre 1968 e 1975, foi marcante o duplo processo concentracionista; após o advento do PROÁLCOOL, ampliou-se a base produtiva dos que se mantiveram, aos quais se juntaram novos

proprietários (principalmente, ex-pecuaristas), reforçando a integração vertical e o expansionismo agrário analisado. Assim, os subperíodos destacados evidenciaram um processo cuja principal distinção foi a de uma evolução com base em uma grande expansão do número de produtores, inicialmente incorporados à produção de açúcar e finalmente à produção de álcool.

Esse crescimento extensivo fez-se também com a contribuição de muitos fornecedores de cana, que foram atraídos para o interior do complexo, especialmente em função de uma legislação que buscou protegê-los até meados da década de 60. Isso ajuda entender porque a cana passou a ser a segunda cultura em termos de área no estado paulista, já que poucas outras culturas contaram com semelhante política de defesa de preço. Se é verdade que *“ao longo de várias décadas o IAA conseguiu realizar uma ação estabilizadora sobre o setor”* (SILVA, 1983:50), o fato é que tal ação não impediu a manutenção e reforço de uma dada forma de produzir os bens do complexo. Dito de outra forma, o processo aqui analisado acabou consolidando no Brasil a idéia de que o auto-abastecimento parece ser uma condição *sine qua non* para a produção de açúcar e álcool.

LITERATURA CITADA

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Rio de Janeiro: IBGE, 1947-1959.

AZZI, G. M. Levantamento das variedades de cana-de-açúcar cultivadas no estado de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Goiás. **Brasil Açucareiro**, Rio de Janeiro, v. 79, n. 6, p. 39-46, jun. 1972.

CARVALHO, L. C. C.; GRAÇA, L. R. Produtividade agrícola da cana-de-açúcar no estado de São Paulo. _____, Rio de Janeiro, v. 88, n. 4, p. 36-59, out. 1976.

CENSO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, 1940, 1950, 1960.

CENSO AGROPECUÁRIO. Rio de Janeiro: IBGE, 1975, 1984.

GATTI, E. U. **A política agrícola e a composição da produção e utilização de mão-de-obra na agricultura paulista na década de setenta.** São Paulo: IEA, 1987. 182 p. (Relatório de Pesquisa, 10/87).

GEMENTE, A. C.; RUAS, D. G. G.; LOPES, C. H. **Evolução do rendimento agroindustrial nas usinas de açúcar do estado de São Paulo.** Piracicaba: IAA/PLANALSUCAR, [s.d.]. Mimeo.

IAA. **Relatórios anuais.** Rio de Janeiro, 1944-1982.

LAVORENTI, N.; CAMPOS, H. de; GHELLER, A. C. A. **Estruturação de amostra de fornecedores de cana-de-açúcar das usinas do estado de São Paulo.** Piracicaba: IAA/PLANALSUCAR, [s.d.]. Mimeo.

LÓPEZ, F. C. **La industria azucarera en Cuba.** La Habana: Ed. de Ciencias Sociales, 1982.

LOPES, J. R. B. Empresas e pequenos produtores no desenvolvimento do capitalismo agrário em São Paulo (1940-1970). **Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 22, out./dez. 1977.

MANOEL, Á. **Política agrícola, eficiência e concentração na agricultura: um estudo do setor canavieiro paulista.** São Paulo: USP/IPE, 1986.

MOREIRA, E. F. P. **Expansão, concentração e concorrência na agroindústria canavieira em São Paulo: 1975 a 1987.** Campinas, SP, 1989. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas.

NEGRI, B. **Um estudo de caso da indústria nacional de equipamentos: análise do Grupo Dedini - 1920-1975.** Campinas, SP, 1977. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas.

PINAZZA, A. H.; PELIN, E. R. Uma análise crítica da produtividade na agroindústria canavieira. In: CONGRESSO NACIONAL DA SOCIEDADE DE TÉCNICOS AÇUCAREIROS DO BRASIL, 2., Rio de Janeiro, 16-21 ago. 1981.

RAMOS, P. **Agroindústria canavieira e propriedade fundiária no Brasil.** São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Um estudo da evolução e da estrutura da agroindústria canavieira do estado de São Paulo (1930-1982).** São Paulo, 1983. Dissertação (Mestrado) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas.

_____; PERES, A. M. de P. Complexo agroindustrial e desenvolvimento: o caso da região de Piracicaba. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 37., Foz do Iguaçu, PR, 1-5 ago. 1999. **Anais...** Brasília: SOBER, 1999.

SILVA, G. L. S. P. da (Coord.). **Estatísticas da agricultura brasileira.** São Paulo: IEA, 1990. (Sér. Inf. Estat. Agric.)

SILVA, S. L. Q. da. O crescimento da lavoura canavieira no Brasil na década de 70. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, p. 39-54, jan./mar. 1983.

SZMRECSÁNYI, T. **O planejamento da agroindústria canavieira do Brasil: 1930-1975.** São Paulo: Hucitec/Universidade Estadual de Campinas, 1979.

**A EVOLUÇÃO DA AGROINDÚSTRIA CANAVIEIRA PAULISTA NO PERÍODO 1946-1980:
expansionismo agrário e características da estrutura de produção**

RESUMO: O texto analisa e apresenta dados sobre as principais características da evolução e da estrutura da agroindústria canavieira do Estado de São Paulo entre 1946 e 1980, tomando em conta subperíodos, e estabelecendo algumas comparações com outros estados. Destaca que o expansionismo agrário e o auto-bastecimento foram fundamentais para a enorme elevação da produção de cana no Estado, o que permitiu que São Paulo tenha se tornado o principal Estado produtor de açúcar e de álcool no Brasil no período estudado.

Palavras-chave: São Paulo, agroindústria canavieira, estrutura de produção, produção de cana/açúcar/álcool, utilização de terras.

SUGARCANE AGROINDUSTRY EVOLUTION OVER 1946-1980

ABSTRACT: The text analyzes and presents data on the main characteristics of the evolution and the structure of São Paulo state sugar cane industry between 1946 and 1980, bearing in mind sub-periods and making a few comparisons with other states. It emphasizes that agrarian expansionism and the self-supply were the basis for an outstanding increase in sugar cane production in the state, which enabled São Paulo to become the main producing state of sugar and alcohol in Brazil in the already-mentioned period.

Key-words: São Paulo, sugarcane industry, production structure, cane/sugar/alcohol production, land use.

Recebido em 17/05/2001. Liberado para publicação em 04/07/2001.